

**Swallow: o silenciamento da mulher, a usurpação de sua autonomia e o resgate de si
mesma**

Marina Travalha Rufino¹ e Mônica Kuhnen Müller²

¹⁻² Graduandas de Psicologia, Departamento de Psicologia,
Faculdade Federal de Santa Catarina

Notas sobre as Autoras

Este artigo foi produzido para uma disciplina da Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Os autores deste artigo se encontram em processo de formação superior. Correspondências relacionadas a esse artigo devem ser encaminhadas para Marina Travalha Rufino e Mônica Kuhnen Müller, por meio dos endereços de e-mail rufino.marina36@gmail.com e monicakuhnenmuller@gmail.com.

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar o silenciamento da mulher, os mecanismos de enfrentamento da opressão sofrida por esta e a busca por sua autonomia. Através dele, foi proposto identificar e analisar os impactos deste processo na saúde mental feminina, como o desenvolvimento de comportamentos obsessivos como mecanismos de enfrentamento, particularmente a ingestão compulsiva de objetos não comestíveis; e também o trajeto entre a submissão da mulher e a busca por autonomia e independência. Assim, a partir da observação do longa metragem “*Swallow*” (2019) foram definidas as categorias de comportamento: subordinação da mulher à esfera privada – com as subcategorias: silenciamento feminino e expressões do descontentamento com os papéis de gênero e a desconsideração de sua

legitimidade – comportamentos obsessivos compulsivos como mecanismos de enfrentamento prejudiciais e autonomia. Concluiu-se, por fim, que as dinâmicas de poder entre gêneros estabelecidas por uma sociedade patriarcal dentro da esfera doméstica utilizam de diversas estratégias, por vezes sutis, para subjugar e calar corpos femininos, e que estas podem ter grandes repercussões para saúde mental de mulheres consideradas donas de casa, que ainda podem ser desconsideradas e patologizadas caso não haja uma maior atenção direcionada ao aspecto sócio-histórico que compõe a realidade das mesmas.

Palavras-chaves: papéis de gênero; silenciamento da mulher; autonomia feminina; comportamentos nocivos

Introdução

O presente trabalho acadêmico busca abordar o controle dos corpos das mulheres atravessado pelo silenciamento destas, além de comportamentos obsessivos desenvolvidos como consequência direta dessa opressão de gênero e utilizados como mecanismo de enfrentamento. Ainda que a trama do filme *Swallow* (2019) apresenta em contexto histórico atual, retrata uma realidade muito semelhante ao cotidiano da dona de casa americana no período pós-guerra das décadas de 50 e 60, idealizada como a esposa e mãe perfeita, cuja única aspiração haveria de ser uma vida dedicada à manutenção do lar e da felicidade de sua família. A partir dessa conjuntura, desenvolve-se uma dinâmica de poder que não somente busca reprimir qualquer desejo de autonomia expressado pela mulher, como também a culpabiliza caso demonstre insatisfação perante a vida confortável que lhe é oferecida pelo marido, patologizando seu desinteresse em cumprir os papéis que lhe foram forçosamente atribuídos.

Considerando a forte influência que a cultura estadunidense exerce sobre o Brasil, e até mesmo sobre todo o Ocidente, verifica-se a relevância do tema para a ciência brasileira. O papel de gênero, as expectativas e pressões sociais aos quais a mulher é submetida, ainda que

tenham se modificado gradativamente nas últimas décadas, se mantém como foco de discussões contemporâneas, uma vez que múltiplas formas de agressão psicológica e física direcionadas ao gênero feminino se fazem comuns atualmente. Assim sendo, pretende-se contribuir para a expansão do campo de conhecimento de estudos de gênero sob a perspectiva de que a única forma de alterar um padrão vigente de comportamento opressivo é explorar suas diferentes facetas e tomar consciência de suas repercussões, compreendendo por inteiro essas interações nocivas para então poder transformá-las.

1. Dinâmicas de Poder e Controle de corpos femininos

Ao analisar a história da humanidade é possível indicar a renúncia sexual como um dos principais atos que instituiu o controle dos corpos femininos. Essa renúncia era baseada nos saberes da Igreja Católica que acreditava na repressão da sexualidade e prazer da mulher como pena divina após a traição de Eva no jardim do Éden.

Assim, o controle social através da sexualidade mostrava como a mulher deveria se portar sexualmente de acordo com os conceitos patriarcais reforçados pela igreja. Logo, é possível observar a violência que as autoras Silva e Nader (2014) definem como “sutil e física”(Silva & Nader, 2014, p.4). A violência física é entendida pelos atos sexuais que ocorriam sem o consentimento da mulher. Já a violência sutil, entendida como aquela que não deixa marcas no corpo físico, transparece através da abstenção da mulher ao espaço público. Esta, ocorria através da alegação de proteção à mulher e sua família, mas não raro acontecia por meio da humilhação e constrangimento (Silva & Nader, 2014).

Para entender melhor a questão do controle dos corpos femininos é importante também apropriar-se da teoria de Michel Foucault, que apesar de não ter focado em estudos de gênero, apresenta inúmeras contribuições para a compreensão do poder e dominação dos corpos (França & Brauner, 2018). Segundo ele, o corpo é mais que seu elemento físico, ele é

um instrumento político que se submerge em diversas relações de poder. É no corpo que estas relações recaem sobre, adestrando-o e cobrando normalização. Dessa maneira, a disciplina fabrica corpos dóceis e obedientes ao dissociar o poder do corpo (Cronemberger, 2019).

Essa dissociação do poder e corpo ocorreu através de anos de disciplina no qual construiu-se o imaginário feminino como sinônimo de submissão (Bastos, 2019). Como resultado, foram associados atributos como afetividade e docilidade às mulheres, ao mesmo tempo que aos homens, características como agressividade e racionalidade eram atribuídas a sua natureza, já que eram entendidos como consequência direta de seu sexo biológico (Bastos, 2019). Dessa forma, a ciência justificou a restrição da mulher à esfera privada do seu lar, sendo o universo doméstico e familiar exclusivo à ela. Logo, tornou-se adequado, mistificar o papel da mulher como esposa e mãe, com a intenção de instituir estereótipos sociais e de gênero. Estes, por sua vez, são usados como uma forma de controle que resulta na construção de bases que geram a violência contra a mulher (Silva & Nader, 2014).

Dessa forma, entende-se que o corpo feminino foi e ainda é --a despeito dos movimentos que vão contra isso--, docilizado e disciplinado por padrões patriarcais. Como descrito por Foucault, "esse corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado" (2009, p.126) continua a ser o objetivo dos discursos disciplinares.

1.1 Silenciamento feminino como parte do controle social

Uma das formas pela qual esse controle social aparece na prática é através do silenciamento. Como elucida Bastos (2019), aqui o uso da palavra silenciamento não deve ser confundido com a escolha ou autonomia para se manter calada diante de uma situação. Nesse contexto, a carência de palavras submetida a essas mulheres "é vista como um espaço em branco no discurso" (Bastos, 2019, p.163).

O silenciamento feminino -- principalmente na esfera pública -- é algo consolidado na cultura ocidental desde a Antiguidade Clássica (Costa, 2019). Nesse período, a mulher só poderia usar sua voz publicamente em situações muito restritas: quando estas eram vítimas ou mártires, por exemplo, quando estavam entre a vida e a morte ou quando precisavam defender sua família e os interesses de outras mulheres. A respeito da última situação citada é importante frisar que essas mulheres não tinham o poder de falar em nome de toda a comunidade, principalmente em nome de um homem já que, segundo a historiadora Mary Beard, discursar em público não era um atributo do gênero feminino, mas sim, uma característica que definia a masculinidade (Costa, 2019).

No entanto, essa forma de violência sutil (Silva & Nader, 2014) não está restrita à esfera pública. Como tantas outras formas de disciplinamento ela deve fazer parte de todos os âmbitos da vida individual da pessoa, desde o mais privado ao mais público, um olhar normatizador constantemente presente (Silva & Nader, 2014). Assim, as mulheres são silenciadas ativamente dentro de suas próprias casas -- quando estas ainda não internalizaram o silêncio como parte de si. Segundo Bastos (2019), o silenciamento imposto sobre as mulheres é praticado como forma de anular qualquer contribuição feminina já que esta é considerada incômoda e inferior.

A escritora Rebecca Solnit (2017) converge com os pensamentos das autoras Silva e Nader (2014) ao reiterar que a violência não está restrita ao físico, nem à configuração da agressão verbal direta. Ao invés disso, ela se manifesta através da supressão das vozes femininas e de suas histórias (Bastos, 2019). Além disso, ao anular essas vozes, anula-se tudo o que elas representam, o direito de se posicionar, concordar ou discordar, em suma, o direito de efetivamente participar (Bastos, 2019).

A partir disso, evidencia-se as diversas formas pelo qual o silenciamento é imposto na vida mais interior das mulheres, e conseqüentemente como esse silêncio individual reverbera

no silenciamento de um gênero por inteiro. Assim, apesar de uma forma mais “sutil” de violência e controle, ele não deve ser subestimado ou negado como tal. Os impactos dessa forma de violência não afetam somente a mentalidade da mulher silenciada, mas também no pensamento coletivo e nas formas de atuação das mesmas (Bastos, 2019).

2. *Housewife syndrome*, a síndrome da dona de casa

Durante a Segunda Guerra Mundial muito do que se havia estabelecido quanto ao papel da mulher na sociedade foi subvertido, visto que as prioridades de nações do mundo todo sofreram alterações para garantir, acima de tudo, a sobrevivência do Estado e da população sob seu poder. Nos Estados Unidos, tendo a grande maioria dos homens sido convocada a servir no exército e enviada para combate, a mulher americana passou a ocupar um espaço de maior relevância na estrutura social, tendo oportunidade de trabalhar em cargos que antes não lhe seriam oferecidos (Dubois & Dumenil, 2016). Contudo, o pós-guerra foi um período marcado por uma regressão abrupta da autonomia feminina e restauração do antigo papel social da mulher. Logo que a vitória dos Aliados foi assegurada, a maior parte dessas trabalhadoras foi dispensada, e iniciou-se um movimento de retorná-las aos seu “devido lugar”, isto é, o lar. A rigidez com que se delimitavam os papéis de gênero e expectativas sociais restringiram a liberdade da mulher de escolher qual estilo de vida mais se adequava às suas necessidades, habilidades e desejos.

Essencialmente, a população feminina foi pressionada a se configurar em uma nova geração de donas de casa, cuja função principal seria a de manter um lar harmonioso. Até mesmo nas universidades, havia uma noção de que as alunas deveriam aprender disciplinas “femininas”, como economia doméstica, visto que sua formação não tinha como objetivo prepará-las para se juntar à força de trabalho. Ademais, muitas mulheres eram demitidas assim que engravidam, se não quando se casavam (Adams, 2020).

Encurralada, a mulher americana branca e de classe média quase não deixava mais sua casa, se ocupando diariamente com a limpeza e manutenção do lar, executando tarefas repetitivas e entediadas, gastando seu tempo livre no folhear de revistas e catálogos de compras. Destaca-se, aqui, a etnia e classe econômica pois famílias negras e de baixa renda, em sua grande maioria, não tinham a possibilidade de sustentar suas mulheres em casa em período integral, tendo essas continuado a trabalhar no pós-guerra, ainda que em empregos mais direcionados ao “feminino”, como o de cozinheiras e faxineiras. Muitas das que tinham esse privilégio, no entanto, se viam insatisfeitas não só com a monotonia de suas rotinas, mas com a constatação de que suas identidades haviam sido reduzidas à serventia da população masculina. Eram comuns os relatos de intenso estresse emocional, cansaço e ansiedade experienciados por elas, fenômeno que ficou conhecido como “*housewife syndrome*”, ou síndrome da dona de casa, em tradução literal. A imensa culpa gerada pela inconformação à performance de esposa e mãe foi considerada um agravante desses sintomas, fazendo com que o assunto fosse pouco discutido. Como descrito por Betty Friedan (1963), era mais difícil para mulher discutir esse problema do que falar sobre sua vida sexual. Algumas descreviam uma sensação de vazio, de perda de identidade e de não se sentir realmente viva. Como colocado por Pearl Buck (1942): “Se todas as mulheres nascessem com mentes inferiores e homens superiores, a esquematização da mulher para o lar seria sem dúvida totalmente satisfatória, [entretanto] a desventura é, claro, que mulheres frequentemente nascem com cérebros.”

2.1. Comportamentos nocivos como mecanismo de enfrentamento

O senso comum, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, ditava que a inadequação à essência feminina, configurada pelos aspectos da irracionalidade, silêncio, natureza e corpo, revelava sinais de doença tanto mental quanto física, visão compartilhada por psicólogos, psiquiatras e ginecologistas. Portanto, expressões consideradas masculinas desse

descontentamento, como a raiva e comportamento agressivo, eram consideradas anormais e deveriam ser contidas e, em situações consideradas agudas, era comum a institucionalização como forma de punição (Adams, 2020). Tendo essa consciência, mulheres do país todo passaram a desenvolver mecanismos de *coping* prejudiciais à saúde, alguns embasados em práticas de automutilação como o esfregar de mãos obsessivo e frequente, que resultava em bolhas e machucados em suas mãos e braços (Friedan, 1963).

3. Autonomia/ Emancipação feminina

Primeiramente, é importante definir os termos "autonomia" e "emancipação". A palavra autonomia origina do grego e significa etimologicamente “o poder de dar a si a própria lei”, logo ela significa, no caso da autonomia feminina, a aptidão e a possibilidade de tomar suas próprias decisões de forma livre e agir segundo elas (Guedes & Fonseca, 2011). Já a palavra emancipação retoma a ideia de libertação.

A partir do conceito de liberdade, Fromm (1981) estabelece dois tipos de liberdade que ele denomina “liberdade de” e “liberdade para”. A primeira diz respeito a uma liberdade parcial, evocando a ideia de se libertar de algo, enquanto a segunda se refere a uma liberdade total, onde ambas se complementam (Cruz, 2018). Atualmente, pode-se dizer que a mulher conquistou somente a liberdade parcial já que ainda não se encontra de fato livre para agir da forma desejada, tendo sua vida ainda permeada pelos entraves de uma cultura patriarcal.

Voltando ao conceito de autonomia, a socióloga Elizabeth Jelin (2004 como citado em Mariano, 2021, p.4), entende a autonomia feminina como o potencial de tomada de decisões baseada em seu conhecimento juntamente com seus próprios desejos. Entretanto, encontra-se aí um impasse, pois os desejos próprios implicam um determinado contexto histórico e simbólico, ou seja, são formados através de um processo de socialização além dos aparatos disponíveis àquela mulher naquele momento (Mariano, 2021). Logo, mesmo uma

decisão sendo aparentemente tomada em liberdade, em uma sociedade opressora, ela ainda sofre os impactos desta opressão (Mariano, 2021). Assim, aprofundando-se nos limitantes da autonomia feminina, Nussbaum (2002) adverte para a relevância da verdadeira compreensão de como o contexto no qual alguém está inserido, marca não só suas escolhas como também a estruturação de suas preferências (Mariano, 2021).

A partir da obra cinematográfica *Swallow* (2019), que acompanha a recém-casada Hunter, este trabalho tem como objetivo geral investigar o silenciamento da mulher no ambiente doméstico e mecanismos de enfrentamento da opressão sofrida por essas donas de casa, assim como compreender a subordinação da mulher que se dedica exclusivamente ao lar em sua vida privada. Como objetivos específicos, propõe-se identificar e analisar repercussões negativas à saúde mental feminina, particularmente o desenvolvimento de comportamentos obsessivos como a ingestão de objetos não comestíveis e a higienização excessiva das mãos com produtos químicos; e também o trajeto entre a submissão da mulher e a busca de autonomia e independência.

Método

O material utilizado para a análise realizada neste trabalho provém do filme *Swallow*, um longa-metragem que se enquadra nos gêneros suspense e terror, lançado em 2019. O filme se baseia na história da avó de seu diretor e roteirista Carlo Mirabella-Davis, vivida durante a década de 1950. A dona de casa, presa em um casamento infeliz, desenvolveu uma compulsão por lavar e esfregar as mãos excessivamente com sabão e álcool como uma forma de lidar com sua realidade.

A trama da obra cinematográfica gira em torno da personagem principal, Hunter Conrad, interpretada por Haley Bennett. Ao se casar com Richie Conrad (Austin Stowell), ela tem sua vida drasticamente alterada, sendo inserida em uma família muito rica e influente,

incompatível com suas origens. O enredo acompanha os desafios com os quais ela se depara na relação marital e familiar, principalmente a opressão de gênero e relações de poder desbalanceadas, baseadas na expectativa de que Hunter se contente em servir como um adorno para o lar e um veículo para a obtenção do próximo herdeiro da família. Assim, como forma de lidar com sua solidão e infelicidade a protagonista acaba por desenvolver um transtorno alimentar, a alotriofagia. Além disso, a história evolui junto com o personagem que com o tempo busca cada vez mais independência e autonomia sobre sua vida e seu próprio corpo.

Participantes

Hunter McCoy

Protagonista da obra, Hunter é uma mulher branca, possui cabelos cortados acima dos ombros de tonalidade loira, olhos castanhos-esverdeados, mede aproximadamente 1,70m de altura, tem corpo magro e é jovem, tendo cerca de 25 anos. É retratada pela maior parte do filme como generosa, tímida, submissa e insegura, sempre busca aprovação e aceitação. Nascida em uma família religiosa e pertencente à classe operária no norte do estado de Nova Iorque, revela durante uma sessão de terapia ser fruto de um estupro. Sua mãe, que não interrompeu a gestação por questões religiosas, a criou de forma distante e fria, culpando a filha pelo ocorrido. Tendo se sentido deslocada e rejeitada por tantos anos, Hunter não manteve contato com ela ou com suas duas irmãs depois de ter se casado.

Richard “Richie” Conrad

Marido de Hunter, Richard é um homem branco, possui cabelos curtos numa tonalidade clara de castanho, olhos azuis, aproximadamente 1,85m de altura e porte atlético, cerca de 30 anos de idade. Filho de Catherine e Michael Conrad, nasceu em uma família de

classe alta e trabalha na empresa de seu pai, onde foi promovido ao cargo de *CEO* no início da narrativa. É bastante próximo dos pais e conectado aos interesses da família. Sempre foi amparado financeiramente, mora com sua esposa em uma casa luxuosa em Nova Iorque, presente de seus pais. Richie costuma agir com superioridade em relação aos que não considera estarem em seu patamar, e isso se aplica também à Hunter. Tem pensamento conservador e sexista, espera que Hunter seja a mulher e mãe perfeita. Quando esta erra, sua afeição rapidamente se transforma em desprezo e frustração. Considera que salvou a mulher de um destino infeliz e uma vida insignificante ao se casar com ela.

Catherine Conrad

Sogra de Hunter. Mulher branca de olhos castanhos, magra, mede cerca de 1,65m de altura. Tem por volta de 50 anos. Catherine representa uma figura de autoridade na vida de Hunter, alguém que ela deve aspirar ser, um exemplo de bons modos e compostura impecável. Faz sugestões sobre o que a nora deve fazer e como deve se portar, presenteando-a com um livro de autoajuda, ensinando-a receitas de sucos de legumes e frutas para que ela tome diariamente durante a gravidez e comentando que seu filho prefere mulheres de cabelo comprido.

Michael Conrad

Sogro de Hunter. Homem branco de cabelos curtos grisalhos, mede cerca de 1,80m de altura. Tem por volta de 60 anos. Michael é o patriarca da família. Não só é dono da empresa onde o filho trabalha, mas também quem presenteou o casal com a casa onde moram. Nunca é contrariado e tem o poder de dominar qualquer conversa no momento desejado. Trata Hunter com certo desprezo e a infantiliza, escolhendo sua terapeuta e, posteriormente, ameaçando-a a assinar contrato de admissão em um hospital psiquiátrico.

Alice

Terapeuta de Hunter. Mulher negra, de cabelos longos e escuros, cacheados. Sua altura se aproxima dos 1,70m, seu corpo é magro. Alice é contratada diretamente pelos sogros de Hunter para tratar seu transtorno alimentar, e a trata de forma gentil e compreensiva, buscando compreender os motivos por trás das ações da mulher. No entanto, tem um combinado com a família para repassar tudo que Hunter lhe disser durante as sessões para Richard.

Procedimentos

Após a primeira análise do filme foram selecionadas oito cenas alinhadas ao tema da pesquisa e às categorias de comportamento previamente definidas. São estas: a subordinação e exclusão da mulher à esfera privada (CC1), comportamentos obsessivos utilizados como mecanismo de enfrentamento (CC2) e busca por autonomia (CC3). Assim, são totalizadas três categorias. A primeira categoria (CC1) -- subordinação e exclusão da mulher à esfera privada – apresenta duas subcategorias: o silenciamento como ferramenta de subordinação (SC1) e exclusão e expressões do descontentamento com os papéis de gênero e a desconsideração de sua legitimidade (SC2). As minutagens de cada cena foram organizadas na Tabela 1, assim como os personagens envolvidos em cada uma delas e a categoria de comportamento adequada. Posteriormente, as cenas foram descritas e discutidas em conjunto com a fundamentação teórica já apresentada levando em conta o tema: o silenciamento da mulher, a usurpação de sua autonomia e o resgate da mesma.

Tabela 1. Cenas escolhidas para a análise das categorias comportamentais

Título/minutagem	Participantes	Categoria
------------------	---------------	-----------

Cena 1 (C1): 00:02:50-00:03:40	Hunter, Richie, Catherine, Michael e convidados	CC1
Cena 2 (C2): 00:08:08-00:10:10	Hunter, Richie, Catherine, Michael	CC1-SC1
Cena 3 (C3): 00:12:30-00:14:15	Hunter	CC2
Cena 4 (C4): 00:16:10-00:17:05	Hunter e Richard	CC1
Cena 5 (C5): 00:19:40-00:21:30	Hunter e Catherine	CC1- SC2
Cena 6 (C6): 00:35:14-00:36:30	Hunter e Richard	CC1-SC2
Cena 7 (C7): 00:44:13-00:45:16	Hunter e Alice	CC2
Cena 8 (C8): 01:23:28-01:29:37	Hunter e Richard	CC3

Subordinação da mulher à esfera privada

A subordinação feminina pode ser definida como um desdobramento da opressão de gênero, onde a mulher é inserida em relações de poder desequilibradas que a restringem à esfera doméstica ou privada. Assim, elas são ordenadas a agir de forma complacente e dócil, agradar aos desejos masculinos e servir sem contestar, assumindo tal posição inferior de bom grado. Para isso, são utilizadas desde estratégias de opressão violentas – através da agressão física e sexual – até as mais difíceis de detectar, como a violência psicológica/moral – por meio de ameaças, insultos e manipulações – e o silenciamento feminino.

Silenciamento feminino

O silenciamento é o ato direto ou indireto de calar uma mulher. Este, pode acontecer por meio da ridicularização e humilhação da fala feminina, agressão verbal ou o simples ato de ignorar qualquer contribuição vinda daquela mulher. Ele é utilizado como uma ferramenta/instrumento de subordinação da mulher diante da sociedade patriarcal e sua restrição à esfera doméstica e conseqüente exclusão do mundo público.

Expressões do descontentamento com os papéis de gênero e a desconsideração de sua legitimidade

Refere-se à patologização do descontentamento da dona de casa com sua posição perante a sociedade e as expressões desse descontentamento, como apatia, confusão mental, angústia e culpa.

Comportamentos obsessivos compulsivos como mecanismos de enfrentamento prejudiciais

Como definido pela quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2013), os comportamentos obsessivos e compulsivos são baseados em impulsos frequentes, persistentes e indesejáveis, que ao se desenvolverem tomam cada vez mais espaço na vida do indivíduo. Alguns exemplos recorrentes são a ingestão de objetos não comestíveis, a organização e limpeza excessiva de ambientes, bem como a lavagem de mãos repetitiva e desnecessária.

Já as estratégias de *coping*, conhecidas também como mecanismos de enfrentamento, consistem em ações realizadas com a intenção de auxiliar o indivíduo que os cultiva a lidar com situações psicologicamente prejudiciais. No caso desta categoria, são justamente os comportamentos obsessivos mencionados anteriormente que ocupam esse lugar, e tornam-se estratégias nocivas à saúde mental e potencialmente à saúde física da pessoa.

Autonomia

A busca por autonomia pode ser definida como a procura por uma vida onde se é capaz tomar as próprias decisões levando-se em conta seus próprios desejos e parâmetros. Em outras palavras, é a busca pelo controle de sua própria vida. Além disso, essa busca inclui o rompimento de relações no qual a pessoa se encontra subordinada a outra tanto economicamente quanto psicologicamente e emocionalmente. Indicadores: se separar, fugir, enfrentar, cortar contato, entre outros.

Resultados e discussão

Subordinação da mulher à esfera privada

Durante o decorrer de todo o filme é possível observar diversos momentos no qual as personagens mulheres, mas principalmente Hunter, são subordinadas aos personagens masculinos. Estes esperam que elas sejam restringidas à esfera privada, ou seja, à vida domiciliar. Esse panorama fica evidente logo em uma das primeiras cenas do filme. Ela acontece no cenário de um jantar onde Richie está sendo promovido na empresa de seu pai. Ao fazer seu discurso, ele pronuncia:

“Vocês sabem, eu não teria conseguido fazer nada disso sem minha linda esposa, Hunter”. Hunter o olha com admiração. Richie continua ” ela é e sempre foi tão generosa, altruísta.. Bom, ela é a luz da minha vida”. Os convidados soltam um suspiro. Hunter abre um sorriso.

Apesar da recepção amistosa desse discurso pelos convidados ali presentes, olhando abaixo do nível da superfície é possível entender a problemática que essa fala demonstra. Nela ficam claros os papéis de gênero tradicionais ali impostos. Richie, o homem – provedor e “chefe de família”-- é visto como poderoso e racional, enquanto ao imaginário feminino é atrelado os ideais de docilidade, altruísmo, passividade e submissão (Bastos, 2019). Assim, características construídas socialmente são vistas como parte da natureza biológica do sexo feminino e masculino, declaradas como tal pelo discurso dominante patriarcal por vezes utilizando-se da ciência para justificar a restrição da mulher à esfera privada do seu lar. Logo, sendo o cuidado do lar responsabilidade exclusiva da mulher, recai sobre ela todas as responsabilidades domésticas. As expectativas do personagem Richie em relação a tais responsabilidades domésticas são ilustradas na cena (C4) a seguir:

Richie chama Hunter “Querida?” e pergunta “ você passou ferro nessa gravata?”. Hunter se levanta, vai em sua direção e responde “sim, ela estava amassada” e Richie rebate “você não pode passar ferro em uma gravata dessas. Vai estragar a seda. Tem que ser a vapor. Está vendo?” e segura a gravata manchada para Hunter, que fala “Ah, droga. Me desculpa. Você tem outra gravata que possa usar?”. Richie, com o rosto franzido, arranca a gravata ao redor de seu pescoço e responde: “Nenhuma que combine com essa camisa” e continua enquanto se olha no espelho

“Merda! O que eu vou fazer agora?”. Ele então começa a desabotoar sua camisa com pressa e a tira do corpo com força. Hunter que o tempo todo o olha com semblante preocupado volta ao quarto em silêncio.

Nesta cena, uma das poucas na qual Richie é nitidamente agressivo – reiterando o aspecto “sutil” da violência de gênero descrita por Silva & Nader (2014) – as expectativas postas em Hunter ficam evidentes. À ela, incide toda a responsabilidade do lar e a obrigatoriedade de assumir o papel de cuidadora do marido e posteriormente dos filhos. Esses papéis intrafamiliares de gênero, solidificados pela família individual moderna, funda-se de acordo com Engels (1984), na escravidão doméstica da mulher. Assim, a mulher é colocada em um lugar desvalorizado, reduzida aos caprichos de seu marido (Silva et. al., 2018).

Talvez uma das cenas mais caricatas que demonstra o machismo intergeracional da família de Richie e as expectativas impostas à Hunter, seja a cena do jantar em família (C2). Estão presentes nela os sogros de Hunter para comemorar a recente notícia de que Hunter estaria grávida de Richie. Ao cumprimentar Hunter, seu sogro, Michael, diz: “Oi, querida” ele então vira-se em direção à Richie e fala “Olha isso, o futuro CEO de nossa empresa está bem aqui”, enquanto aponta para a barriga de Hunter. A partir da fala de Michael, é possível inferir sua visão sobre Hunter e sua gravidez. Hunter, agora carregando o futuro herdeiro de sua empresa –ou seja, de seu patrimônio– se reduz a mera portadora de alguém mais importante. Esse pensamento é descrito por Engels em “Origem da família da propriedade privada e do estado” (1984), nele o autor explica o surgimento da família monogâmica como modelo criado pelos homens como forma de assegurar que seus bens seriam herdados somente por seus descendentes. Ou seja, a finalidade da família monogâmica era a da paternidade inquestionável, ditada por condições econômicas.

Ademais, é possível observar a disparidade entre os assuntos discutidos entre Hunter e Catherine – as personagens femininas – e Richie e Michael. Enquanto aquelas conversam sobre a gravidez e a experiência de Catherine – por vezes assustadora – com a maternidade,

estes conversam sobre negócios. Durante os comentários da sogra de Hunter sobre sua experiência grávida, Hunter apresenta expressões de choque e desconforto. É importante tomar nota, também, que em nenhum momento desde a descoberta da gravidez perguntam a Hunter se ela está feliz com a notícia. Questionar essa felicidade, dado o pensamento conservador da família, provavelmente não seria cogitado já que a criação de uma família e progenitores é visto como um próximo passo “natural”. Tomando seu posto de esposa e mãe. Essa visão foi alimentada por séculos de mitos que caracterizam a maternidade como a única experiência capaz de trazer completude a uma mulher, sendo esta sua função biológica e cívica (Narvaz & Koller, 2006). Sendo assim, criou-se mais um método de controle que tem como objetivo a exclusão da mulher da esfera pública.

Portanto, a partir da análise destas cenas, fica claro como as formas de controle e perpetuação de papéis tradicionais de gênero podem ser muito mais sutis do que esperado, nem sempre se mostrando através de violências óbvias e falas explícitas, mas sim através daquilo que não dito, daquilo não perguntado.

Silenciamento como ferramenta de subordinação

O silenciamento feminino, como já citado na fundamentação teórica deste artigo, é uma das formas pelo qual ocorre o controle social da mulher (Bastos, 2019). Apesar de presente durante quase a totalidade do filme, o silenciamento em grande parte é apresentado de uma forma passiva, momentos nos quais Hunter era deixada “falando sozinha” e os outros personagens não demonstravam nenhum interesse em qualquer contribuição vinda dela. Isso, apesar de dificultar a descrição objetiva para este artigo, é como o silenciamento muitas vezes se apresenta também na vida fora das telas, sendo o objetivo encoberto nesta falta de interesse a interiorização do silenciamento para si mesmas (Bastos, 2019).

Entretanto, ele se torna explícito na cena 2 (C2) que acontece durante o jantar de comemoração da gravidez de Hunter.

Após ser forçada por Richie a contar uma história de infância Hunter fala “É..teve esse cara, meio que esse maluco local e ele ficava na lateral da estrada na cidade e ele assoprava beijos à todos os carros que passavam” ela olha ao redor do ambiente enquanto fala e novamente para seu colo diversas vezes, mas continua “e primeiro ele me assustava, porque ele tinha essa barba e cabelos sujos e dentes podres”, Richie sorri, “era como esse chamado religioso ele tinha que” e Michael a interrompe, vira-se para Richie e fala “Ah antes que eu me esqueça, como foi com os Cavers?”.

Essa interrupção da fala feminina, contemporaneamente apelidado de *maninterrupting* pela escritora Jessica Bennett (Leal-González, 2019), sinaliza como o silenciamento é praticado com a finalidade de aniquilar qualquer contribuição vinda de uma mulher, já que esta é considerada um incômodo (Bastos, 2019). A história de Hunter, tem para Michael tão pouco valor, que é ao seu ver aceitável a interromper e falar de negócios. Além disso, seu marido, apesar de ser quem forçou Hunter a contar algo que ela não queria em primeiro lugar, continua a conversa com seu pai Michael como se nada tivesse acontecido, o que mostra sua complacência com tal ação.

À vista disso, o silenciamento presente ao decorrer da trama apresenta-o como algo que não acontece de forma estritamente individual, mas que se apoia numa rede social que normatiza esse tipo de comportamento, silenciando todo um gênero (Bastos, 2019).

Expressões do descontentamento com os papéis de gênero e a desconsideração de sua legitimidade

Acompanhando o desenrolar da trama, observa-se a dissipação gradual da fachada de felicidade e gratidão construída por Hunter sob pressão vinda da família e de uma sociedade patriarcal que coloca expectativas em cima da mulher para se adequar ao papel que lhe foi pré-designado. Fica claro, inicialmente, que tanto ela quanto os personagens citados acreditam que ela tenha sorte de ter se casado com Richie e adquirido um estilo de vida luxuoso. Além disso, Hunter não precisa trabalhar, apenas servir ao seu marido, o que na concepção das pessoas a sua volta é em si um grande privilégio. Tal concepção não pertence apenas à história

e seus personagens, mas é fortemente presente no senso comum ocidental desde o século XIX, tendo se transformado através das décadas, se intensificando no momento pós-guerra e decaído em popularidade apenas por volta da década de 1980 (Bernard, 1981). A diminuição da difusão desse pensamento, no entanto, não o extinguiu, e ainda há muitos núcleos familiares presos a essa ideia, incluindo o retratado pelo filme.

O momento em que isso fica mais explícito é durante uma conversa entre a personagem principal e sua sogra, onde a seguinte troca acontece:

Catherine introduz o tópico do antigo trabalho de Hunter: “Então, o que você fazia por dinheiro antes de conhecer meu filho?”. Hunter respira fundo, olha em volta, e responde “Vendas, principalmente.” Ela ri. A sogra parece surpresa, e questiona: “Vendendo... o que?” Hunter dá uma risada contida, inclina o rosto para baixo e o cobre com uma das mãos. “Artigos de higiene!”, ela diz enquanto retira sua mão do rosto e sorri para a sogra, com as sobrancelhas erguidas. Catherine arregala levemente os olhos e abre a boca em uma expressão de surpresa, enquanto Hunter lista os produtos que vendia. Catherine dá um sorriso com os lábios cerrados e seus olhos se enrugam nos cantos externos: “Bem, golpe de sorte você ter conhecido meu filho.”

Conforme a história se desenvolve, há uma transição gradual entre a mulher acreditar que seu estilo de vida a beneficia para eventualmente tentar se convencer de que acredita, em um esforço para agradar a família e não ser, de alguma forma, punida pela sua infelicidade, pela qual se sente culpada. Esse conflito interno abala a saúde mental de Hunter, que além de cultivar os comportamentos obsessivos que serão discutidos posteriormente, demonstra estar se tornando apática em âmbito social e angustiada quando está sozinha. Ela continua se esforçando para demonstrar o que esperam de uma mulher como ela, mas a falta de genuinidade em suas falas e ações permeia a fantasia de que tenta manter. Isso é principalmente visível ainda nessa interação com a sogra:

“Eu apenas sou muito grata... Ao Richie, e à vocês, por me proporcionarem um chão firme em que ficar em pé, sabe?” Ela respira fundo, aperta os lábios, e prossegue: “E agora eu tenho tanto tempo livre, sabe? Para... desenhar, ou qualquer outra coisa.” Ela dá um sorriso suave. Catherine olha para frente, ergue um pouco o queixo e responde: “O melhor conselho que alguém já me deu foi... finja até conseguir.” Ela olha fixamente para a nora enquanto enuncia a última frase, e então questiona:

“Você finge, ou você conseguiu?” Ainda séria, Hunter parece contemplar a pergunta brevemente enquanto olha nos olhos da sogra, com uma expressão levemente surpresa: “Perdão?” A mulher insiste: “Você é feliz, ou você está fingindo que é feliz?” Hunter desvia o olhar; umedece seus lábios e engole em seco. Rapidamente, recupera sua compostura e afirma “Eu sou feliz.” E então força um sorriso.

No longa metragem, o momento descrito acima encerra uma cena que é imediatamente seguida pela personagem principal de volta em sua casa, logo após a visita à Catherine, passando aspirador no tapete da sua sala de estar vigorosamente, com uma expressão de frustração e fazendo uma força exagerada ao empurrar o aparelho, chegando a ficar com seu rosto vermelho e os cabelos revirados. Fica nítido que refletir sobre seu papel trouxe desconforto, expressado de forma sutil em público, porém muito mais veemente em privado. O privado, nesse caso, se refere à relação de Hunter com ela mesma, já que até mesmo a presença do marido na casa em que moram juntos traz a necessidade de performance. Richard, assim como os pais, considera que o que fez por ela deve ser retribuído incessantemente, como uma dívida que jamais será quitada. O trecho a seguir representa o maior momento de conflito direto entre o casal, logo após retornarem do hospital, onde o transtorno alimentar de Hunter fora revelado.

“Você quer saber? Esse é o tipo de coisa que você deveria avisar para alguém antes de vocês se casarem. Você deveria ter me contado sobre isso.” [...] “Eu sinto muito.” Ela pisca os olhos algumas vezes, inclina a cabeça levemente para o lado e explica, com um semblante triste: “Eu nunca fiz nada assim antes. Eu não consigo... Eu não consigo evitar.” Ele sacode a cabeça e volta sua atenção para a penteadeira do quarto, e volta a recolher itens pequenos, esbravejando: “Merda. Dane-se isso! Apenas o que caralhos tem de errado com você? Essas merdas de pedrinhas estúpidas.” Hunter se lança ao colchão, virando-se em uma posição fetal. Ele prossegue: “É, claro. Só faça com que eu pague por toda essa merda. Tudo bem. Você não sabe o porquê. Não, você só fica sentada aqui em casa o dia todo fazendo álbuns de recortes e escolhendo a porra de cortinas.”

Sua primeira reação à esposa ingerir objetos não comestíveis não é a de um marido preocupado com sua saúde e bem estar, em vez disso, se assemelha mais à de um cliente frustrado por ter pago por um produto defeituoso sem ter sido avisado. Pode-se destacar,

ainda, a desconsideração do trabalho doméstico como trabalho legítimo, pensamento que surgiu com a Revolução Industrial. Foi em tal cenário que a cisão do público e do privado tomou a sociedade ocidental, e com ela a noção de que o homem ocuparia o espaço público, trabalhando fora de casa e sendo pago para tanto, enquanto a mulher cuidaria da casa e dos filhos, sem receber compensação monetária. Portanto, suas atividades não seriam reconhecidas oficialmente como trabalho, se tornando uma mera expressão da natureza feminina (Train, 2016). Richie não tem para si que o esforço de Hunter em manter o lar perfeito se traduz em alguma forma de labor, visto que quem possui poder econômico no relacionamento é apenas ele. Por essa perspectiva, em que o dinheiro e os negócios ocupam lugar essencial para obtenção da felicidade, é apenas lógico que, independente do que Hunter puder proporcionar a ele, não poderá se equiparar ao que ele lhe proporciona. Assim, a estrutura da relação marital dos dois contribui para a auto culpabilização da personagem principal, que, tendo conhecimento de como o marido e a sociedade a enxerga, tem dificuldade de desassociar sua própria imagem desse contexto. Como descrito por Betty Friedan (1963), Hunter tem sua individualidade coberta pelo véu da mística feminina: a mulher é definida apenas pelo que tange sua relação com o homem, e é sua própria culpa não se sentir completamente satisfeita com essa realidade.

Comportamentos obsessivos compulsivos como mecanismos de enfrentamento prejudiciais

Os mecanismos de enfrentamento, também conhecidos comumente como mecanismos de *coping*, são estratégias utilizadas com finalidade de auto regulação emocional de seu usuário. Essencialmente, o indivíduo arquiteta rituais para os quais possa canalizar seu sofrimento psicológico, assim aliviando seus sintomas. No entanto, o sofrimento sendo agudo e constante, como o caso de Hunter, aumenta as chances de que o comportamento escolhido

seja prejudicial, não seguro ou saudável, o que o torna um comportamento obsessivo-compulsivo. A obsessão, por si, já é um mecanismo de defesa que ocorre quando o indivíduo se encontra em estado de estresse mental e desamparo (Carona & Basso, 2005). Em um primeiro momento, Hunter não entende seu impulso de engolir objetos como algo nocivo, adotando a ideia de que sua motivação para fazê-lo viera de um livro de autoajuda, da sugestão da quebra de rotina, como demonstrado na seguinte cena:

Hunter está sentada no sofá da sala de sua casa, usa maquiagem e veste um suéter azul claro e saia azul escura. Ela olha em volta, pressiona os lábios, olha para baixo e ergue um livro de capa colorida, cujo título é “Um talento para a alegria”, até a altura do nariz, e então o abre em uma página aproximadamente na metade do volume, onde lê a frase “Todo dia, tente fazer algo inesperado. Se force a tentar coisas novas.” [...] Hunter cuidadosamente levanta a tampa da caixinha e pega uma das esferas de tamanho menor e cor avermelhada com sua mão direita. Ficando ereta novamente, ela ergue a bolinha de vidro entre seus dedos na altura de seus olhos e contra a luz, a observando fixamente por alguns segundos. Suas sobrancelhas se franzem, e logo voltam a relaxar, ao passo que sua boca abre um pouco. Virando a bolinha em sua direção, Hunter curva os cantos da boca para cima brevemente, e traz o objeto para perto de seu rosto, então o inserindo na boca. Ela coloca uma mão sobre o peito e olha para frente enquanto engole. Finalmente, sua expressão fica relaxada e ela sorri levemente.

A partir desse momento, é possível inferir que o ato traz satisfação e felicidade à personagem, elementos que faltam em sua vida. Hunter fica animada com a perspectiva de ter feito algo inesperado, algo novo, e inclusive cogita contar ao marido naquela mesma noite, mas se detém ao perceber que o mesmo não está completamente investido na conversa. Com a repetição desse comportamento, outros aspectos ficam evidentes em sua elaboração. Engolir um objeto de sua escolha, potencialmente perigoso para sua saúde, é uma forma de exercer poder e controle sobre si mesma dentro de uma realidade em que sua rotina, deveres e afazeres são pré-determinados e limitados por terceiros. Por isso, também, é difícil para mulher entender a prejudicialidade de seu pequeno ritual, uma vez que este parece ser sua única forma de exercer autonomia. Relutante, ela coloca isso em palavras em um de seus encontros com sua terapeuta, no seguinte diálogo:

“Diz que você engoliu uma pilha.” Hunter se remexe no divã, respira fundo, e declara: “Apenas não é grande coisa. Todos estão transformando isso em uma grande coisa, mas não é.” Alice replica: “Uma bateria é uma grande coisa. Se tivesse vazado dentro do seu estômago, poderia ter te matado. Isso me preocupa.” Ela passa, então, a listar objetos perigosos engolidos por Hunter, e questiona o porquê dessas escolhas. Hunter, fechando os olhos, diz: “Não sei. Fizeram eu me sentir... no controle.”

Ao final do filme, quando a personagem se livra do casamento, da família e da vida que a fazia sofrer ao ponto de recorrer à essa estratégia, Hunter aparece em um quarto de hotel, com os dedos e o rosto sujo de chocolate, que ela havia comido exageradamente. Simbolicamente, nessa troca de hábito é possível observar uma atenuação do sofrimento psíquico enfrentado por ela. Tendo se libertado da situação causadora da maior parte desse sofrimento, seu mecanismo de enfrentamento acompanha essa mudança e se transforma em algo que representa menor perigo à sua saúde. Ainda que, a longo prazo, não seja saudável ingerir nada compulsivamente, comestível ou não, a correlação entre níveis de estresse mental e comportamentos obsessivos como *coping* se faz evidente.

Autonomia

A jornada de Hunter ao decorrer do filme mostra uma mulher que desiste de sua individualidade e seus desejos a favor de seu marido e que aos poucos luta pela sua autonomia e liberdade. Uma das cenas que mais esclarece essa evolução é a ligação que Hunter faz à Richie após fugir de uma internação psiquiátrica forçada por seu marido e sogros. Richie está a procura de sua esposa fugitiva quando recebe sua ligação:

Ele para o carro e atende a ligação “Ah” em tom de alívio “onde você está?”. Hunter, roendo as unhas, responde: “Eu só queria explicar”. Eu ainda tenho sentimentos por você, e... eu acho que atropeliei algumas coisas para te fazer feliz... Como onde moramos e... o bebê”. Richie sai do carro. Hunter continua “eu queria te fazer feliz [...]

Aqui Hunter parece tentar justificar sua fuga para Richie e buscar seu entendimento ou empatia. Apesar de pela primeira vez ela ser honesta sobre seus desejos com ela mesma e com

seu marido, ela ainda se apresenta receosa e mantém sua voz num tom baixo, como que buscando as palavras certas. Richie então a interrompe:

“Shh, shh”, ele começa a andar pela rua e diz “Só escuta, tá bom? Eu sinto muito, muito sua falta. Eu sinto falta de nós. Eu quero que as coisas voltem a ser do jeito que eram antes. Só volte. Eu juro que as coisas serão diferentes. Nós podemos ir a qualquer lugar que você quiser. Eu te amo.”

O discurso de Richie mostra uma grande contradição já que primeiro ele afirma que deseja que “as coisas voltem a ser do jeito que eram antes” e logo depois jura “que as coisas serão diferentes”. Ele não aparenta estar disposto a mudar, mas sim disposto a convencê-la a voltar.

Após Hunter admitir também sentir sua falta, Richie insiste:

“Então volte” ao passo que Hunter diz “Não” e complementa “Eu não posso”. Ritchie mudando seu tom para mais assertivo diz “Então o que é que você vai fazer? Você vai viver nas ruas? Você não é boa em nada. Você não sabe fazer nada. É isso! Esse é o máximo que você irá conseguir. Então volte.” Sem resposta ele a ameaça “Volte ou eu vou te caçar. Eu vou te caçar, sua puta ingrata”. Hunter ainda em tom baixo se despede: “Ok, eu tenho que ir”, ao que Richie agora gritando responde “Você volta aqui com meu filho!”. Hunter encerra a ligação, se levanta e quebra o celular usando um abajur.

A partir desse diálogo evidencia-se a visão de inferioridade que Richie possui em relação a Hunter. No momento em que ela declara que não voltará, a estratégia é ameaçá-la e desvalorizá-la. Mesmo assim, Hunter se desvencilha dessa realidade em um ato que solidifica sua decisão, a quebra do telefone celular com o abajur, que remonta a quebra de seu relacionamento com Richie e o começo de uma nova etapa em sua vida. Além disso, é a primeira vez em todo o filme que a personagem nega algo e não se desculpa por não se dobrar diante da vontade alheia. Isso converge com a definição de autonomia feminina da socióloga Elizabeth Jelin (2004 como citado em Mariano, 2021, p.4) que a estabelece como o poder de tomar decisões fundadas em seu conhecimento e próprios desejos. Dessa forma, o filme mostra o caminho que Hunter teve desde como era controlada e as estratégias por trás desse controle, até a tomada de controle sobre sua própria vida.

Considerações finais

Utilizando-se do longa metragem “*Swallow*” como instrumento de análise, foi possível investigar, em conjunto às categorias comportamentais escolhidas, o silenciamento da mulher no ambiente doméstico assim como os mecanismos de enfrentamento da opressão sofrida por essas donas de casa. Além disso, compreendeu-se mais profundamente a subordinação da mulher que se dedica exclusivamente ao lar em sua vida privada. Como proposto nos objetivos específicos desta pesquisa, foram identificadas e analisadas as repercussões negativas à saúde mental feminina, em especial o desenvolvimento de comportamentos obsessivos e também a busca da mulher por sua autonomia e independência. Dessa forma, é possível concluir que ambos os objetivos gerais e específicos propostos de início foram alcançados.

Apesar do filme escolhido basear-se na realidade do pós-guerra estadunidense, entende-se a relevância da temática presente também para o Brasil, já que este sofre forte influência cultural norte-americana. Assim sendo, os comportamentos observados nos personagens podem ser também percebidos no cenário brasileiro. Além disso, como elucidado na Introdução e Método deste artigo, apesar do material analisado ter sido apoiado em uma experiência da década de 1950, as expectativas impostas pela sociedade patriarcal sobre as mulheres ocidentais não sofreram tantas modificações. Ainda que tenha sido feito certo progresso com anos de luta feminista, a violência de gênero prevista pelas categorias de comportamentos neste trabalho e suas consequências ainda se fazem comuns nos dias de hoje.

O diretor Carlo Mirabella-Davis, em entrevista à *Seventh Row*, constata que por trás da personagem e seu comportamento há inspiração na vida de sua avó, dona de casa na década de 50 que cultivava diversos rituais de controle, incluindo a lavagem de mãos compulsiva, que a levou a ser admitida em uma instituição mental. Ele explica que, mesmo substituindo essas ações pela ingestão de objetos e o período pós-guerra pelo atual, a história

de sua avó e de Hunter são paralelas, e que em ambos casos há uma intenção de retomada de poder por meio do hábito e costumes opressivos que pouco mudaram com o tempo (Flanagan, 2020). O transtorno é retratado como um tipo de rebelião e resistência ao controle masculino, ainda que nocivo, um ritual secreto em desafio ao marido.

Ainda assim, este artigo apresenta como limitação o enfoque em relacionamentos cis-heteros, além de se basear em uma experiência típica de mulheres brancas e ocidentais que pertencem à classe média/alta. Sabe-se que o sexismo e patriarcado afetam também pessoas que não se adequam a binariedade e heteronormatividade, além de sofrerem um agravo quando adicionam-se outros problemas como racismo e classes econômicas fragilizadas. Também, nota-se a prevalência do ponto de vista cis-heteronormativo na bibliografia encontrada sobre o tema, sendo assim, constata-se a necessidade de mais estudos com esta temática sob diferentes perspectivas e vivências.

Por fim, o conhecimento produzido pelo presente artigo é valioso para a psicologia ao passo de que pode facilitar o atendimento e o diagnóstico de mulheres que apresentem comportamentos semelhantes aos analisados, assim como oferecer um contexto sócio-histórico que permita estabelecer uma conexão entre certos sintomas e a realidade doméstica vivida pelas pacientes, auxiliando os profissionais responsáveis a traçar seus perfis para a definição de uma abordagem terapêutica adequada. Ademais, ter consciência dessas problemáticas ligadas ao gênero permite que o psicólogo acolha a mulher mais apropriadamente, oferecendo apoio emocional e um espaço seguro para que ela expresse suas angústias, e a orientando em casos de abuso dentro do casamento e do núcleo familiar.

Referências

Adams, K. (2020). The 'housewife syndrome': An indicator of madness or oppression?. *ANU Historical Journal II*, (2), 127-147.

Associação Psiquiátrica Americana. (2013). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5^a ed .). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.

Bastos, A. O. N. (2019). “Boca Calada!”: O Silenciamento Das Mulheres Como Forma De Violência Na Anulação Do Sujeito De Direitos Feminino. In G. A. Baggenstoss, P. R. Santos, S. S. Sommariva & M. S. G. Hugill (Orgs.), *Coleção Não há lugar seguro: estudos e práticas sobre violências contra as mulheres com ênfase no gênero* (3rd ed., pp., 158-169).

Brittos, V. C. & Gastaldo, É. (2006). Mídia, poder e controle social. *Alceu - Revista de Comunicação, Cultura e Política*, 7(13), 121-133.
http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Brittos%20e%20Gastaldo.pdf

Buck, P. S. (2021). *Of men and women*. The John Day Co.

Carona, F., & Basso, M. R. (2005). Neuropsychological Aspects of Obsessive-Compulsive Disorder. In B. E. Ling (Ed.), *Obsessive compulsive disorder research* (pp. 31–44). Nova Biomedical Books.

Costa, J.S. (2019). Para Além Da Misoginia: Uma Reflexão Sobre Poder E Silenciamento Feminino Na Cultura Ocidental. *Ars Historica*, 18(1), pp.165-168.

Costa, T., Stotz, E. N., Grynszpan, D., & Souza, M. C. B. D. (2006). Naturalização e medicalização do corpo feminino: o controle social por meio da reprodução. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 10, 363-380.

<https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000200007>

Cronemberger, L. F. (2019). “Meu corpo, minhas regras!”: Michel Foucault, corpo da mulher e feminismo. *Praça: Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, 3(1), 23-37. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca/article/viewFile/243350/34941>.

Cruz, Y.P. (2018). A emancipação feminina e os desafios de sua concretização: Uma análise realizada no Centro de Referência de Assistência Social do bairro Frei Damião em Juazeiro do Norte-CE [Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO]

DuBois, E. C., & Dumenil, L. (2018). *Through Women’s Eyes: An American History with Documents* (Fifth ed.). Bedford/St. Martin’s.

Engels, F. (1984). A origem da família, da propriedade privada e do Estado (9th ed.). Civilização brasileira.

Flanagan, B. P. (2020, 2 maio) Carlo Mirabella-Davis on *Swallow*: Her ‘breakdown becomes a breakthrough.’ *Seventh Row*. shorturl.at/uwG39

Foucault, M. (2009). *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.

França K.V. & Brauner M.C.C. (2018, setembro). *O corpo feminino sob uma perspectiva foucaultiana: rumo à construção dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres no Brasil*. VII Seminário corpo, gênero e sexualidade, Carreiros, Rio Grande, Brasil.

<https://7seminario.furg.br/inicio>

Friedan, B. (1963). " *The Problem that Has No Name* (pp. 15-32).

- Guedes, R. N., & Fonseca, R. M. G. S. D. (2011). A autonomia como necessidade estruturante para o enfrentamento da violência de gênero. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45, 1731-1735. www.ee.usp.br/reeusp/
- Leal-González, D.A. (2019). Reseña de: Rebecca Solnit. Los hombres me explican cosas. *Feminismo/s*, (34), 355-360.
- Mariano, S. A. (2021). Agência e autonomia feminina: aportes para estudos sociológicos em contextos de pobreza urbana. *Revista Estudos Feministas*, 29(3).
<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n368075>
- Narvaz, M.G. & Koller, S.H. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), pp.49-55
- Santos, A. M. C. C. (2009). Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 1177-1182.
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400023>
- Silva, V.O.B., Camisasca, A.C.P.C. & Xavier, E.D. (2018, agosto). *O patriarcado e a constituição familiar: um panorama sobre as desigualdades de gênero*. VI Congresso em Desenvolvimento Social, Montes Claros, MG, Brasil.
<https://congressods.com.br/sexta/index.php/aceites/gt-07>
- Pessis, A.M. & Martín, G. (2005). Das origens da desigualdade de gênero. In M.C. Martín & S. Oliveira (Orgs), *Marcadas a Ferro: violência contra a mulher uma visão multidisciplinar* (pp.17-22). Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
- Solnit, R. (2017). *A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos*. Companhia das Letras.